

ANO 2 - NÚMERO 17 - MARÇO 2016

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

*Março  
das águas,  
da mulher  
e de outros  
encantos*



**BRASÍLIA**  
OCUPE O LAGO

p. 18

**PERFIL**  
FATINHA BASTOS

p. 28

**ECOTURISMO**  
CÂNION DO XINGÓ

p. 44

# Maria, Maria

É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alenta  
Uma mulher que merece  
Viver e amar  
Como outra qualquer  
Do planeta

Maria, Maria  
É o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
Quando deve chorar  
E não vive, apenas aquece

Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida  
Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê  
Hei! Hei! Hei! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê!

Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria  
Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho, sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê  
Hei! Hei! Hei! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê!  
Lá Lá Lá Lenerenê Lenerenê!

Março  
Mês Internacional  
Da Mulher.  
Celebremos!

Maria, Maria, uma das mais belas músicas do cancionário brasileiro, resulta da parceria do compositor Fernando Brant com o cantor Milton Nascimento.

“ **E não te cales: O silêncio não dá fruto** ”

Teresa Balté

## COLABORADORES/COLABORADORAS MARÇO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; Antenor Pinheiro – Jornalista; Eduardo Pereira – Produtor Cultural; Iêda Vilas-Bôas – Doutoranda em Literatura, Escritora; Jacy Afonso – Sindicalista; Jaime Sautchuk – Jornalista, Escritor; Joseph S. Weiss – Engenheiro Agrônomo Ph. D., Diretor da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica; Lenny Silva – Ilustrador; Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor; Lúcia Resende – Mestre em Educação; Marcus Vinicius – Fotógrafo; Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                         |                      |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk       | 7. Jacy Afonso       |
| 2. Zezé Weiss           | 8. Juan Pratginestòs |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Elson Martins     |
| 4. Binho Marques        | 10. Neusimar Coelho  |
| 5. Cássia Oliveira      | 11. Ronei Alves      |
| 6. Graça Fleury         | 12. Rui Faquini      |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (061) 9974-3761. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Eduardo Pereira (61) 9829-1020. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9926-0445 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Capa: Foto Rogério Alves/TV Senado; Revisão de Textos: Lúcia Resende e Zezé Weiss. Revisão de design: Eduardo Pereira. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Tocantins. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

**M**ês Internacional da Mulher, março é também o mês das águas, duas homenagens mais que justas e necessárias. Como prega a sabedoria popular, todo dia deveria ser dedicado às mulheres e a todo instante caberia lembrar da importância que tem a água em nossas vidas.

No entanto, ainda estamos muito distantes de chegar a uma situação de igualdade entre todos os seres humanos. E tampouco atentamos ao fato de que a água é um bem finito e que sem ele não haverá mais vida no Planeta.

Também por isso, boa parte desta edição de março de Xapuri Socioambiental é dedicada a esses dois temas. Por muitas mãos, com vigor e criatividade.

São as boas-vindas às águas de março cantadas por Jobim, generosas, após dois anos de severa estiagem em todo o País. Com louvor especial às nascentes do Planalto Central, que vertem em todas as direções.

São, de igual modo, as histórias de mulheres de luta, nas diversas maneiras de lutar. A artesã do interior de Goiás que faz arte da palha seca ou uma entrevista imaginária com Dadá, a bordadeira do Cangaço. Ou, ainda, a valorização da mulher em todas as profissões e novos filmes sobre personagens femininas da história mundial.

Mas, como de costume, muitas outras atrações aguardam quem inicia o folhear destas páginas, seja na tela do computador, seja no papel.

Uma segunda etapa da viagem ao centro da Terra, as belezas do cânion do rio Velho Chico e a importância do Lago Paranoá, em Brasília, por exemplo.

E mais culinária, poesia e outras emoções.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**  
Editores



**11 CURIOSIDADES**  
Você sabia?

**21 LITERATURA**  
Dadá  
Bordando o cangaço

**12 CAPA**  
Março das águas, da mulher  
e de outros encantos

**28 PERFIL**  
Fatinha Bastos  
Tirando arte das palhas

**18 CIDADANIA**  
Mulheres, políticas públicas e eleições  
municipais: tome partido

**40 URBANIDADE**  
O arremesso da menina

**09 CURTAS**

**34 SUSTENTABILIDADE**  
Problemas em aberto  
quanto à Responsabilidade  
Socioambiental

**16 BRASÍLIA**  
Ocupe o Lago  
Um movimento em defesa  
das águas de Brasília

**36 EDUCAÇÃO**  
O futuro da educação em Goiás

**24 ECOLOGIA**  
Uma pequena viagem ao  
centro da Terra II

**38 MEMÓRIA**  
Aziz Ab'saber

**26 GASTRONOMIA**  
Rosca de batatinha - gosto caseiro

**32 CULTURA**  
Resistência feminina  
nas telas do cinema

**44 ECOTURISMO**  
Cânion do Xingó

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**



## Mensagens pra Xapuri

[contato@xapuri.info](mailto:contato@xapuri.info)



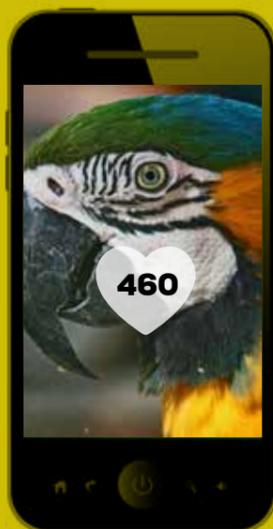
Recebi, li, aprovei e indico a Revista Xapuri. Obrigada pelos exemplares! **Ieda Oliveira, Liderança Social. Formosa - Goiás.**

Equipe Xapuri: Eu me sinto honrado ao fazer parte do Conselho da Revista. Vou tentar corresponder à indicação. Abraço. **Elson Martins, Jornalista. Rio Branco - Acre.**

É sempre bom ler um artigo da Xapuri Socioambiental. Esse, que fala sobre o tucupi, saiu na edição de Carnaval da revista e foi para o blog. Confira! **Cláudio Manero, Jornalista. Brasília - Distrito Federal.**

## As imagens mais populares da @revistaXapuri

 @aolivesdf



 @weiss\_guru



 @photobless



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

### #revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

## INAUGURADA PRIMEIRA TRILHA SUSPENSA COM ACESSIBILIDADE NO PAÍS

São apenas 230 metros, mas está aberto um bom precedente. Em 5 de dezembro de 2015, Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, em Alto Paraíso de Goiás, no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, no estado de Goiás, foi inaugurada a primeira trilha suspensa com acessibilidade em território brasileiro. Por meio dela, cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida podem chegar a um mirante e, de lá, admirar as corredeiras do Rio Preto, um dos atrativos do Parque. Segundo Carla Guaitanele, diretora do Parque, que é uma Unidade de Conservação gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação para a Biodi-

versidade (ICMBio), a trilha atende às regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que regulamentam os critérios e parâmetros técnicos para a construção, instalação e adaptação de equipamento de uso público (ABNT 9050). Nessa área as pessoas também poderão, com auxílio, entrar na água para um relaxante banho de água corrente. Em consonância com o estabelecido pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146/2015, as pessoas podem entrar no Parque e chegar até o local da trilha em carro próprio (tração 4x4), sendo permitida a entrada de 4 carros de cada vez.

## ÁGUA DOCE DOS RIOS EM PROCESSO CRESCENTE DE SALINIZAÇÃO

Pouco discutida e pouco conhecida da população brasileira, a salinização dos rios é um fenômeno provocado pela agricultura extensiva e pela extração mineral e de gás que, cada vez mais, ameaçam a biodiversidade que cerca nossos rios, lagos e nascentes de água doce. Como efeito dessas práticas, a água simplesmente fica salgada demais para a flora e fauna, fazendo desaparecer espécies e causando danos para as cadeias ecológicas. No Brasil há poucos estudos sobre o acontecimento, porém já foram relatadas grandes concentrações de sal no rio Amazonas, em consequência da extração mineral ao longo da Bacia Amazônica.

## NOSSO PEQUI, QUEM DIRIA, VIRA CÁPSULA ANTIOXIDANTE

Depois de 18 anos de estudos, a Universidade de Brasília (UnB) anuncia a criação de uma cápsula antioxidante e anti-inflamatória feita com óleo do pequi. Os pesquisadores da UnB descobriram que o pequi combate a formação de gordura no sangue e ajuda a reduzir o colesterol ruim. O produto foi testado primeiro em camundongos, depois em pacientes com lupus, doença inflamatória, e em atletas, com resultados satisfatórios. Os estudos indicam também que o óleo do pequi ajuda a abaixar a pressão e a desacelerar o processo de envelhecimento, além de, segundo o professor e pesquisador Cesar Koppe, contribuir para a preservação do Cerrado, especialmente no Planalto Central brasileiro, onde existem grandes áreas de pequizeiros nativos.



# VOCÊ SABIA?



- O lobo-guará é um animal onívoro que, além de se alimentar de pequenos animais, também consome uma grande quantidade de frutos, cumprindo importante papel ecológico na dispersão de sementes dos frutos do Cerrado. O lobo-guará é considerado o principal dispersor de sementes da Lobeira, por exemplo.
- A confecção das icônicas fitinhas baianas foi ideia de Manoel Antônio da Silva Serva, tesoureiro da Irmandade do Senhor do Bonfim. Por volta de 1810, Manoel percebeu que muitos fiéis usavam uma cordinha de 47 cm – a medida exata braço da estátua do Senhor do Bonfim – como amuleto. Bom comerciante, o tesoureiro convenceu a Igreja a produzir as “medidas do Senhor do Bonfim”, que dão cor e cara ao turismo baiano até os dias de hoje.
- A teia de aranha é um material cinco vezes mais forte que o aço (de igual peso) e duas vezes

mais elástica que o náilon. Extremamente leve e resistente, ela vem sendo estudada como matéria prima para fios de suturas biodegradáveis, redes de pesca e coletes à prova de balas.

- A quantidade de água lançada pelo Rio Amazonas no Oceano Atlântico é gigantesca: cerca de 209 mil metros cúbicos por segundo, o que corresponde a 1/5 do total de água doce que deságua nos oceanos do mundo.

Fonte: oguiadoscuriosos.com.br



#ChamaGeral

**Anápolis** vai participar da Olimpíada Rio 2016 com o Revezamento da Tocha.

Chama os amigos, a família, os vizinhos, a escola, o trabalho. Chama geral e venha assistir de perto este momento.



**eleve**  
mercado saudável  
708/709 norte

# Março das águas, da mulher e de outros encantos

Jaime Sautchuk

Março é tempo de muitos encantos no Planalto Central do Brasil. É de homenagens às águas, que fluem nos mais diversos rumos, às flores e às gentes do Cerrado, neste mês lembradas com reverência no Dia Internacional da Mulher, instituído oficialmente pela ONU em 1975, em homenagem à luta das operárias de New York em 1857, mas que na verdade começou a ser celebrado quase 100 anos atrás na Rússia, como símbolo de igualdade e fraternidade.

Tradicionalmente este é um mês de muitas chuvas no país inteiro, como lembra Tom Jobim em "Águas de Março", uma das mais belas peças musicais do cancionista popular brasileiro. É quando as nascentes de algumas das principais bacias fluviais transbordam de alegria, enchem córregos, ribeirões e rios que vão bater no mar.

Depois de dois anos de acanhamento, de estiagem em muitas partes do território nacional, neste março elas chegaram com gosto nessa

região de águas emendadas. E vão dar vida aos vales do Paraná/Prata, São Francisco e Araguaia/Tocantins.

E vão têm preservar belezas como as areias do Araguaia, que neste período se escondem, esculpindo as dunas, ilhas e praias que irão aflorar em junho, com pleno vigor.

De quebra, são águas que voltam a dar navegabilidade ao Velho Chico, já combalido pelo desmatamento, e ainda mais nos últimos meses, um período de pouca chuva. O mesmo já ocorre com a Hidrovia do Tietê, rio formador do Paraná, que d vazão aos containers de grãos originários principalmente do Mato Grosso e Goiás, destinados à

exportação.

Sim, e são elas mesmas que reanimam as usinas hidrelétricas, de modo que estas retomam a produção de energia com toda carga, propiciando sensível redução no

valor da conta de luz.

Mais de uma dezena de termelétricas, queimadoras de óleo diesel, bagaço de cana e outros carburantes, já estão desligadas. Elas foram criadas nos últimos anos justamente pra cobrir a entressafira de água nos lagos de usinas, evitando apagões.

## A MULHER

**DOS CERRADOS**  
Março  de certa forma um mês feminino, com a celebração do Dia Internacional das águas no dia 22, e de igual modo dedicado às mulheres, como forma de a sociedade se redimir um pouco da desigualdade a que as pessoas do sexo feminino foram e ainda são submetidas.

À inegável que a situação mudou de maneira sensível nas últimas décadas. Nova legislação tenta conter a violência doméstica, por exemplo, pois é ali, em casa, onde as agressões mais ocorrem. Primeiro com a criança, menina, moça e depois com a mulher feita.

Maiores garantias no trabalho foram asseguradas, inclusive às que trabalham em casas de outras pessoas, como empregadas. Facilidades foram dadas ao acesso  educação formal, inclusive de nível superior. Mais

mulheres atuam na vida profissional, empresarial e política, mas ainda longe da igualdade.

De todo jeito, desde o início da história de ocupação desses sertões do Brasil Central há uma trajetória de lutas e realizações em que elas tiveram participação expressiva, muitas vezes com liderança e destaque. Vale assuntar como surgiu a mulher cerratense.

As entradas e bandeiras que chegaram ao Planalto Central desde o século 16, como se sabe, eram formadas principalmente por homens. Os povos indígenas habitantes da região, quando não exterminados, tiveram seu modo de vida alterado drasticamente pela presença do invasor branco e de seus escravos e escravas de cor negra.

Ademais, os europeus ou mesmo os já filhos da Colônia que chegavam  região se apropriavam da mulher nativa, e os escravos têm mantinham relações com indígenas. No chamado Ciclo do Ouro, no século de 1726  década de 1820, surgiu o ser humano fruto dessa miscigenação, nas beiradas de rios ou nas aglomerações urbanas que nasceram.

## O COMER, O TRAJAR, O FALAR

A essa altura, as cidades onde o ouro havia sido pródigo (Cidade de Goiás, Pirenópolis, Corumbá de Goiás etc.) já ostentavam cer-

ta opulência, a começar pela estrutura urbana. Em várias localidades surgiam as ruas, largos, praças, coretos, casas-rões com sobrados, igrejas e prédios públicos.

Também nos hábitos e costumes era visível nas elites que dominavam esses locais um requinte que buscava se igualar ao padrão das grandes cidades brasileiras e europeias. Isso era demonstrado pela própria arquitetura e utensílios domésticos guardados por famílias e por museus, além de muitos escritos.

As vestimentas e objetos de uso pessoal, especialmente as joias, eram outros diferenciais. Qualquer encontro social, em festas, cultos religiosos e até enterros, era motivo de ostentação desses costumes. Isso, de alguma forma, influenciava as comunidades locais que, na medida do possível, tentavam imitar certos procedimentos.

Vale lembrar que as comunidades árabes que se fixaram em várias partes de Goiás no século seguinte também eram um tanto gregárias, até por força da língua que falavam, mas com características bastante diferentes das do europeu.

A começar pela condição econômica, que inicialmente era inferior, além do fato de que o imigrante do Oriente Médio buscava se fixar em centros urbanos já estabelecidos, de preferência no comércio.

As populações tradicionais, desde o indígena, mantinham na região os hábitos da coleta de alimentos de origem vegetal, como frutos, folhas, sementes e palmitos, e da caça e pesca. O próprio índio já fazia pequenas roças

destinadas plantio de algumas espécies de maior uso, como o milho e a mandioca. As peles e penas também eram de grande serventia no vestuário e em bens de uso doméstico.

Nem se fala da grande variedade e quantidade de peixes e tartarugas apanhadas nos cursos d'água, lagoas e lagos, tampouco da coleta de ovos, alimento de grande uso, e do mel, precursor do açúcar.

Isso, contudo, tinha grande serventia a essas populações e aos trabalhadores, inclusive escravos, que chegavam com os exploradores. O sertanejo dessa região, entendido como aquele que mora em lugar ermo, inclusive o quilombola, fazia seus próprios agasalhos e utensílios de uso doméstico.

A elite surgida da opulência aurífera, no entanto, desdenhava essas práticas tradicionais, embora também usufruísse do ecossistema local principalmente da fauna, flora e água. A ponto de colocarem em risco a existência de espécies de carnes mais saborosas, como o veado, a paca e o quati.

Os trajes, a culinária e os perfumes seguiam a mesma linha da ostentação imitatória. Na culinária regional, o historiador Paulo Bertran defende ter havido ali mais influência da cozinha portuguesa do que das do índio e do negro.

Isso, apesar de que, nessa região da Colônia, tenha se firmado uma "civilização do milho", um grão sabidamente americano, já conhecido do indígena. Nisso, uma vez mais, vem o peso da mulher, que era quem cuidava da alimentação familiar.

Nas grandes fazendas ou nas pequenas propriedades, um tripé formado por milho, mandioca e abóbora se tornou a base de toda alimentação animal e humana. O arroz e o feijão só vieram a entrar nas mesas da região já com o século 19 bem andado.

#### TEMPOS MODERNOS

O século 20 foi de mudanças profundas na região. A Revolução de 1930 iniciou o processo mais acentuado, com a criação de Goiânia, mais estradas, e um certo baque nas oligarquias tradicionais. E duas décadas depois surge Brasília, trazendo a urbanização admirada em todo o mundo.

Na zona rural, a pecuária bovina deu lugar à agricultura extensiva, a partir da década de 1970, induzindo moradores tradicionais a deixarem o campo. No entanto, muitas comunidades resistiram a essa mudança brusca, tendo na mulher seu esteio e na água sua mais forte garantia de sobrevivência.

Mudanças climáticas ocorreram, a tecnologia avançou e a população do Brasil Central cresceu de modo exponencial, mas o regime de chuvas pouco mudou. As águas de março são sempre tidas como um prenúncio dos meses de estiagem.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



# OCUPE O LAGO

## UM MOVIMENTO EM DEFESA DAS ÁGUAS DE BRASÍLIA

Eduardo Pereira

Uma imensa mancha nas águas. Esse foi o ponto de partida para a criação do movimento Ocupe o Lago, voltado para a defesa do Lago Paranoá, patrimônio ecológico e cultural da população do Distrito Federal e de todo o povo brasileiro.

Com 48 quilômetros quadrados e com uma profundidade máxima de 38 metros, o Lago foi antes uma imensa planície que Luís Cruls considerou ideal para a navegação caso fosse construído. Foi Cruls quem definiu que o espelho d'água deveria ficar na cota mil acima do nível do mar, o que foi feito. Acertou o pesquisador, pois hoje o Distrito Federal possui a terceira maior frota náutica do país.

O jovem Tony Lopes estava entre aquelas pessoas que se espantaram. Do espanto à ação, foi um pulo. Imediatamente somou forças com o amigo Marcelo Ottoni e juntos mobilizaram, principalmente via redes sociais, uma grande força voluntária que resultou na primeira campanha do Movimento, em 22 de março

de 2014, Dia Internacional da Água.

Os resultados daquela primeira ação organizada foram impactantes: do lago foram retiradas 22,5 toneladas de lixo, graças à ação coletiva de cerca de mais de mil voluntários e voluntárias.

Naquele dia, o movimento Ocupe o Lago também ofereceu à população atividades recreativas simultâneas em diversos pontos do Paranoá, como aulas e oficinas de canoagem, natação, standup paddle, mergulho. O evento fechou com um lindo abraço aquático coletivo no meio do Lago, com mais de 110 praticantes de esportes aquáticos.

Desde então, o movimento coletivo Ocupe o Lago vem ganhando parcerias e apoios que vão desde membros da Administração de Brasília até representantes da organização internacional Sea Shepard, conhecido por suas ações radicais em defesa do meio ambiente. Na medida em que se ampliam as parcerias, as ações também vêm se expandindo. Mais infor-

mações sobre o Movimento e suas atividades podem ser encontradas em: [www.facebook.com/ocupeolago/](http://www.facebook.com/ocupeolago/)

Neste março de 2016, o Coletivo encontra-se em acelerada fase de preparação para as atividades do Dia Internacional das Águas (22). Segundo Tony Lopes, membro da coordenação, este ano serão ofertadas à população novas atividades, por exemplo, performances culturais, feira de trocas, práticas esportivas, e ainda ações de sensibilização ambiental.

Assim, os organizadores esperam conseguir uma grande participação de voluntários e voluntárias, um grande engajamento da sociedade e uma promoção efetiva da valorização e do uso sustentável do Lago Paranoá e de sua bacia hidrográfica. Dentre outras bandeiras, o movimento Ocupe o Lago quer o fim do assoreamento do manancial, o uso democrático desse patrimônio e a garantia de acesso ao Lago para todas as pessoas de Brasília.



## SOBRE O LAGO

O Lago Paranoá foi idealizado por Louis Ferdinand Cruls (Luís Cruls), engenheiro e astrônomo belga que comandou a Comissão Exploradora do Planalto Central, a chamada Missão Cruls, promovida pelo governo brasileiro no final do século 19, com o objetivo de estabelecer os limites geográficos da futura capital do País.

Com 48 quilômetros quadrados e com uma profundidade máxima de 38 metros, o Lago foi antes uma imensa planície que Luís Cruls considerou ideal para a navegação caso fosse construído. Acertou o pesquisador, pois hoje o Distrito Federal possui a terceira maior frota náutica do país.

Construído junto com Brasília durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, o Lago Paranoá tornou-se importante cartão postal da cidade e é muito querido pela população brasiliense.

Muita gente "ocupa o Lago", principalmente nos finais de semana, para banhos e para a realização de atividades esportivas como Kayak e SUP (Stand Up Paddle). O local é ainda frequentado por pescadores da região.

O Lago Paranoá não somente tem papel fundamental para o bem-estar e o lazer de quem mora do DF, mas também cumpre fundamental função ecológica, aumentando o nível de umidade nas áreas próximas e protegendo os mananciais de água à sua volta.

Entretanto, como acontece com qualquer patrimônio público usado em grande escala pela população, surgem cada vez ameaças à integridade do Lago. Assim, aumentam as necessidades de se conscientizar o público sobre seu uso apropriado e sobre a importância de mantê-lo despoluído.



## MULHERES, POLÍTICAS PÚBLICAS E ELEIÇÕES MUNICIPAIS:

# TOME PARTIDO

Jacy Afonso de Melo

As mulheres representam 52% da população brasileira; assumem papéis sociais e econômicos decisivos no país. Usuárias constantes dos serviços públicos, atuam para a garantia de transporte, creches, escolas, postos de saúde, trabalho. Mesmo com as limitações ainda presentes, comprovam a eficiência das políticas públicas inclusivas que transformam comunidades e mudam a história dos municípios.

As lutas feministas históricas foram acolhidas de maneira estruturante com a criação no Governo Lula da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, objetivando a igualdade entre homens e mulheres e o combate a todas as formas de preconceito e discriminação.

Daí pra frente, as conferências nacionais oportunizaram aos movimentos organizados a construção de diretrizes para os governos federal, estaduais e municipais e incorreram em planos nacionais que traçaram prioridades, metas e ações para os entes federativos.

No processo, uma agenda relacionada a gênero e políticas públicas foi se consolidando: criação de progra-

mas para atender mulheres vítimas de violência e de atenção integral à saúde; reconhecimento de direitos de meninas e adolescentes com ênfase àquelas em situação de risco e vítimas de exploração sexual; projetos para superação da divisão sexual do trabalho, com capacitação das mulheres, incremento da renda familiar e acesso ao crédito; extensão da rede de creches e pré-escolas; combate à discriminação nos níveis da administração pública e fiscalização do setor privado. Na área rural, destaca-se o reconhecimento de direitos nas políticas de distribuição de terra e de crédito para atividades agrícolas.

No entanto, o conservadorismo machista herdado da sociedade patriarcal continua arraigado, desconsiderando que a perspectiva de gênero é fundamental para a

construção de uma sociedade igualitária.

A inclusão deste aspecto no currículo escolar gerou debates acalorados no processo de construção dos Planos de Educação. Recentemente, a Câmara dos Deputados retirou a expressão

“incorporação da perspectiva de gênero” das atribuições do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

Esses são dois exemplos das tentativas da exclusão sociopolítica a que ainda estão submetidas as mulheres.

É fundamental considerar também a situação da mulher negra, que evidencia dupla discriminação: de gênero e raça. A cor e o sexo determinam maior ou menor vulnerabilidade social. Promover a transversalização das dimensões de gênero e raça nas políticas públicas, diferenciadas segundo os contextos em que se atua, fortalece a capacidade institucional e consolida a governabilidade democrática e participativa.

As brasileiras conquistaram o direito ao voto em 1932. Desde 1997 a legislação eleitoral determina que 30% dos candidatos de cada partido sejam mulheres. Porém, a lei é “driblada”, e as siglas costumam usar candidatas “laranja”, sem grandes chances de se elegerem.

Tanto que, segundo o TSE, em 2012 foram eleitas apenas 13,3% de vereadoras e 12,1% de prefeitas. Essa baixa representatividade se reflete diretamente no desenvolvimento de políticas públicas específicas e aponta que a mulher precisa assumir o protagonismo no âmbito político-partidário.

As mudanças nas relações de poder, relacionando políticas de gênero com prioridades dos governos municipais, destacando programas com garantia de destinação

de verbas, efetivando o orçamento participativo ou outras formas de democratização dos gastos públicos, organizando os Conselhos Municipais dos Direitos da Mulher, exigem a presença das mulheres e o seu empoderamento.

O envolvimento do movimento organizado de mulheres nos fóruns de decisão da gestão pública garante atuação para repensar políticas urbanas, habitacionais, de educação, saúde e mobilidade, espaços de lazer, combate à violência e participação popular.

Mecanismos institucionais devem ser criados e fortalecidos em cada município: instalação de fóruns municipais e regionais de mulheres, estabelecimento de cotas para mulheres em todos os conselhos municipais, organização de grupos femininos de geração de renda e economia solidária, criação de redes de atendimento à mulher, instituição de comitês intersecretarias municipais para transversalizar o tema são alguns exemplos de políticas importantes que podem ser implementadas.

E mais: todas as mulheres devem estar representadas: índias, negras, lésbicas, idosas, jovens, com deficiência, rurais, urbanas. As políticas de gênero e de raça devem ser vistas como condição fundamental para ampliar o grau de eficácia das ações municipais.

Mudar o mundo a partir da aldeia. A cidade é da cidadania!



Ilustração: Lenny Silva



Jacy Afonso  
Sindicalista

# Garra e determinação compõem o universo feminino

Apesar de uma história secular marcada por preconceitos diversos e desigualdades em vários aspectos, as mulheres seguem firmes e vigorosas para ocupar espaços que já lhe foram negados e desbravar novos horizontes.

Com garra e determinação, elas continuam vencendo as adversidades do dia-a-dia e ainda encontram força

para lutarem por um mundo melhor. Discriminação, violência e assédio sexual não derrotaram e não irão derrotar estas guerreiras, que se mantêm conscientes em sua luta.

No mundo do trabalho, especialmente, incluindo aí a categoria bancária, a trajetória da classe feminina também é bastante turbulenta. Mesmo em meio aos inúmeros obstáculos, vivendo vários

papeis, elas se desafiam diariamente para buscar melhorias nas relações cotidianas.

*"Acreditamos que esse poder mágico que as mulheres possuem, tanto na família quanto na sociedade, é um dos ingredientes responsáveis pela beleza do mundo em que vivemos"*, destaca o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, **Eduardo Araújo**.

*"As mulheres, durante séculos, serviram de espelho aos homens por possuírem o poder mágico e delicioso de refletirem uma imagem do homem duas vezes maior que o natural."* (Virginia Woolf)



**DIA INTERNACIONAL DA  
MULHER**



**BANCÁRIOS DF**  
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA

## DADÁ BORDANDO O CANGAÇO

Lia Zatz



- É verdade que a senhora só tinha doze anos quando entrou para o bando de Corisco?  
- Treze.

- E como é que a senhora tomou essa decisão de virar bandida, cangaceira?

- Primeiro que tudo, eu nunca fui bandida. Depois, Corisco me carregou à força. E agora, se for pra fazer esculacho de minha vida, da de Corisco, me chamar de bandida, vamos é já parando por aqui, que fama eu já tive é muita na minha vida e quero mais não, quero respeito e sossego.

- Mas dona Dadá, como é

que a senhora conseguia fazer bordado tão bonito, tão delicado, se viva embrenhada no meio da caatinga, fugindo da polícia?

- Ah, minha filha, é que a gente não vivia assim só fugindo e atacando. Tinha tempo de calma, tempo de amar e dançar, de parir e chorar, de coser e bordar...

- E como é que era a vida nesses tempos?

- Ah, era bom demais. Não tinha persiga, não sabe? Tudo ficava mais fácil. A gente vivia bem, com luxo, tinha vestidos escolhidos, tinha rouparia do jeito que queria, vestidos de seda, viu? Que aquelas roupas de couro, de

pano grosseiro eram só para a viagem, para não rasgar as roupas bonitas na caatinga...

– Os homens traziam quando voltavam da expedição, ou encomendavam com os coiteiros: cortes de tecido, joias, perfumes. Iche! Eles disputavam para fazer de sua mulher a mais bonita, a mais bem vestida, a mais cheia de joias. E os homens também, era tudo vaidoso. Gostavam de se vestir bem, perfume então! Frasco de cheiro, que a gente chamava. Teve vez até de volante descobrir nosso esconderijo por causa do perfume – Dadá falou sorrindo.

– E comida? Verdade que vocês só comiam rapadura com farinha e água?

– Quem foi que te disse essa bestice? Jacuba era só para os tempos de luta, aí sim, faltava de tudo! Em tempo de calmaria, quando a gente tava em um abrigo bem seguro, iche! Comida não faltava. Era a fartura, era buchada, bode assado, farinha com carne assada no umbu.

– Era vida normal, então? Como se vocês estivessem em casa? Os homens descansavam das batalhas, as mulheres faziam as tarefas domésticas: cozinhavam, lavavam...

– Menina, você tá mesmo é desinformada. Ó, vou te dizer uma coisa: mulher é que não ia pra beira do fogo, de jeito nenhum. Ela podia até lavar e temperar a comida, mas quem cozinhava eram os homens. Era bacana. Cada dia um cozinhava, outro lavava a panela, tudo organizado. Não tinha isso de “não faço”. Chamava, era seu dia, tinha de fazer. Tudo limpinho, ajeitado, acabava de comer, a gente dividia.

– Nossa, homens e mulheres dividindo o trabalho?

– Era sim. Costurar? Lavar roupa? Cada um que cuidasse da sua, podia ser homem, podia ser mulher.

– Puxa, do jeito que a senhora fala, parece que era o paraíso para as mulheres.

– Ah, não era não. Mas hoje eu não quero falar de coisa triste, só de festa. Porque no sertão a gente gosta muito de festa. Domingo em roça de sertão é dia de tocar realejo, cantar, dançar coco e emboçada. E no cangaço a gente sentia falta dessa festaiada. Então, sempre que podia a gente organizava um baile, chamava tocador de realejo e cantador, e dançava até cansar. Vou te dizer, menina, que cangaceiro gostava tanto de música que até no meio de batalha com volante, tiro, facada, xingação de cá e de lá, os cangaceiros cantavam.

– Cantavam quê?

– O nosso hino de guerra, ué. E Dadá cantou:

*OLÉ MULÉ  
RENDEIRA,  
OLÉ MULÉ RENDÁ  
TU ME ENSINA  
A FAZER RENDA  
QUE EU TE ENSINO  
A GUERREAR*

**Lia Zatz** – Escritora. Excerto do livro *Dadá - Bordando o Cangaço*. Editora Callis. 2004. A autora informa que o livro, que conta a sobre o cangaço e a vida da cangaceira e exímia bordadeira Dadá, é baseado na realidade. A entrevista, porém, nunca foi feita. É primorosa obra de ficção.

# É POR FORMOSA QUE TRABALHAMOS

A Prefeitura de Formosa tem firmado importantes parcerias com o Governo Federal e o Governo de Goiás para dar andamento em projetos e obras para nossa cidade.



## Ambulatório Médico de Especialidades - AME

Parceria com Governo de Goiás, reúne em um só lugar várias especialidades médicas para atendimento aos pacientes encaminhados pela rede básica de saúde. O Estado financia a construção e a aquisição dos equipamentos.

## Academias de Saúde

Projeto conjunto com o Governo Federal, as academias terão acompanhamento de profissionais de Saúde. Foram entregues as unidades St. Nordeste e Jd. Califórnia e estão em construção Lagoa dos Santos, Jd. América e Distrito de Santa Rosa.



## Novas Escolas

Parceria com Governo de Goiás, novas unidades de ensino (02 no setor Parque Lago, 01 no Padre José e 01 em Santa Rosa). São mais de 1.000 novas vagas para a rede pública municipal.



COM PARCERIAS A PREFEITURA DE FORMOSA CONSTRÓI UMA VIDA MELHOR PARA TODOS.

# UMA PEQUENA VIAGEM AO CENTRO DA TERRA II

## TECTÔNICA DE PLACAS E A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Altair Sales Barbosa

Desde a publicação da obra de Charles Darwin em 1859 sobre a origem das espécies através da seleção natural e os trabalhos da Física de Einstein no início do século XX, o pensamento científico nunca recebeu tanto impacto nem tantas transformações até o início da década de 1960, com a comprovação da Tectônica de Placas.

Este princípio teórico trouxe uma nova revolução para as ciências biológicas, para a geografia, para a geologia, climatologia e para todos os ramos científicos que, de uma forma ou de outra, estão relacionados com as ciências descritas.

No caso específico da Biogeografia e da Geologia, vários dos conceitos até então importantes tiveram que ser abandonados. A partir de então, o planeta Terra passa a ser tratado como um sistema dinâmico, integrante de modelos maiores, cujos componentes apresentam uma complicada teia de interconexões.

A Terra não poderia ser mais olhada como um planeta imutável, cujos continentes e bacias oceânicas permaneciam fixas ao longo do tempo; a Terra passou a ser considerada um planeta mutável e extre-

mamente dinâmico. A teoria que causou toda essa evolução recebe o nome de Tectônica de Placas e não surgiu de uma hora para outra, vários estudos e hipóteses durante décadas foram trabalhados no sentido da sua sedimentação.

### OS PRECURSORES DA IDEIA

#### Edward Suess e a Flora Glossopteris

Durante o final do século XIX, o geólogo austríaco Edward Suess percebeu semelhanças entre fósseis de plantas do Paleozoico Superior da Índia,

Austrália, África do Sul e América do Sul.

Os fósseis formam uma flora única que ocorre em camadas de carvão, existentes nestes continentes. Essa flora, muito diferente da flora contemporânea dos pântanos carboníferos dos

continentes do Norte, foi denominada Flora Glossopteris, nome extraído do seu gênero mais comum.

No seu livro *A face da Terra*, de 1885, Suess propôs o nome Gondwana, para um supercontinente que existiu ao sul do Equador. Segundo Suess, a semelhança entre essa flora estava associada à ligação existente entre as massas desse supercontinente.

Alfred Wegener e a Deriva Continental

Foi Alfred Wegener, um meteorologista alemão, quem formulou a hipótese da Deriva Continental. Em seu livro *A origem dos continentes e dos oceanos*, de 1915, Wegener propôs que todas as massas continentais, num tempo remoto, formavam um único continente, ao qual denominou Pangeia.

Wegener procurou retratar sua hipótese através

de uma série de mapas, mostrando o rompimento do Pangeia e o movimento dos continentes até suas posições atuais. Wegener reuniu ainda grande quantidade de evidências geológicas, paleontológicas e climatológicas para sustentar suas ideias, que nunca foram aceitas no mundo científico em geral.

Muito ridicularizado à época, Wegener partiu para a Groenlândia, buscando provas para sua hipótese, mas desapareceu em 1930, sem deixar vestígios.

#### Alexander Du Toit

Du Toit, geólogo sul-africano, retoma em 1937, sem muito sucesso, apesar de gozar de boa reputação no meio científico, as ideias de Wegener, através da publicação do livro *Nossos Continentes Errantes*.

### A COMPROVAÇÃO

Durante a segunda guerra mundial, os deslocamentos dos submarinos alemães impuseram grandes perdas aos aliados. O mundo Ocidental, tendo à frente os Estados Unidos, iniciou um grande projeto de mapeamento dos fundos oceânicos, utilizando um método de muita precisão conhecido como ecobatimetria. Para surpresa de todos, a descober-

ta das cadeias mesoceânicas no Atlântico comprovou a hipótese da expansão do fundo oceânico.

A essas provas se juntou a descoberta das fossas oceânicas, onde se verifica o afundamento do substrato oceânico. Como consequência também se constatou que a superfície terrestre é composta por placas tectônicas. Verificou-se também que cada placa se desloca em sentidos diferentes.

Pela junção das teorias da Deriva Continental, de Wegener, e da Expansão do Fundo Oceânico, foi concebida a Teoria da Tectônica de Placas.

A Teoria da Tectônica de Placas mostra que as interações entre as placas móveis determinam a localização dos continentes, bacias oceânicas e sistemas de montanhas que, por sua vez, afetam os padrões de circulação atmosférica e oceânica que finalmente determinam os climas globais.

O movimento das placas também tem influenciado profundamente a distribuição geográfica, a evolução e a extinção de plantas e animais. A aceitação desta Teoria levou a um maior entendimento de como a Terra tem evoluído e continua a evoluir.

Essa poderosa Teoria é unificadora e possibilitou aos especialistas enxergar a história da Terra em termos de acontecimentos inter-relacionados que são partes de um panorama global de mudança dinâmica ao longo do tempo.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia.  
Pesquisador do CNPQ

# Rosca de batatinha

## Gosto caseiro

Lúcia Resende

Em qualquer padaria, de qualquer esquina, é possível encontrar hoje uma rosca, ou pão-doce. Há de todos os tipos, para todos os gostos. Mas nem sempre foi assim.

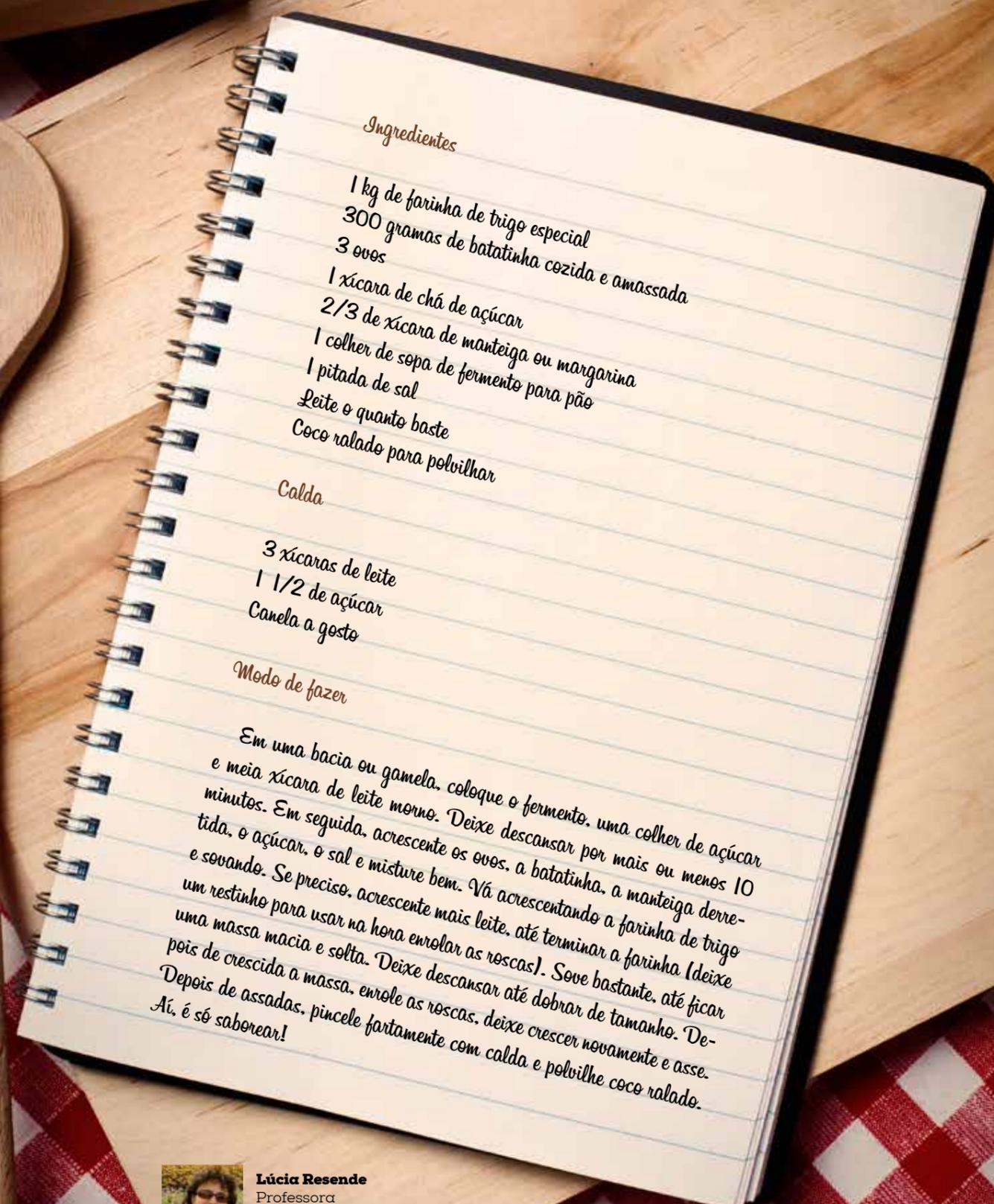
Ainda na segunda metade do século passado, as roscas mais saborosas eram feitas em casa, seguindo receitas antigas, muitas vindas de outras terras. A tarefa fazia parte da rotina das mulheres, a quem cumpria fabri-

car as delícias que chegavam à mesa da família. Era costume também a troca de quitandas e de receitas entre vizinhas. Cuidava-se para que prato enviado cheio não voltasse vazio. E esmerava-se para agradar o paladar alheio.

Pois bem, é este o caso da delícia que a revista Xapuri traz nesta edição: a rosca de batatinha (batata inglesa). A delícia me chegou de sur-

presa, para o lanche de uma tarde calorenta, nas mãos de uma vizinha paranaense, de nome Ivani, nos anos 1980. Ela recebera o conhecimento de seus antepassados, imigrantes alemães, como gostava de ressaltar. E dela a receita chegou a esta mineira-goiana, que a faz pública.

Da Ivani, não mais tenho notícia, mas a rosca de batatinha permanece reinando por aqui!



### Ingredientes

- 1 kg de farinha de trigo especial
- 300 gramas de batatinha cozida e amassada
- 3 ovos
- 1 xícara de chá de açúcar
- 2/3 de xícara de manteiga ou margarina
- 1 colher de sopa de fermento para pão
- 1 pitada de sal
- Leite o quanto baste
- Coco ralado para polvilhar

### Calda

- 3 xícaras de leite
- 1 1/2 de açúcar
- Canela a gosto

### Modo de fazer

Em uma bacia ou gamela, coloque o fermento, uma colher de açúcar e meia xícara de leite morno. Deixe descansar por mais ou menos 10 minutos. Em seguida, acrescente os ovos, a batatinha, a manteiga derretida, o açúcar, o sal e misture bem. Vá acrescentando a farinha de trigo e sovando. Se preciso, acrescente mais leite, até terminar a farinha (deixe um restinho para usar na hora enrolar as roscas). Sove bastante, até ficar uma massa macia e solta. Deixe descansar até dobrar de tamanho. Depois de crescida a massa, enrolle as roscas, deixe crescer novamente e asse. Após de assadas, pincele fartamente com calda e polvilhe coco ralado. Ai, é só saborear!



**Lúcia Resende**  
Professora  
 @mluciares



PERFIL

# FATINHA BASTOS

## TIRANDO ARTE DAS PALHAS

Iêda Vilas-Boas

Existe um ditado popular de que, quando o impossível nos rodeia, é necessário ter a sabedoria de “tirar leite das pedras”. Em Olhos D’Água, um lugarzinho pitoresco de pracinha com igreja matriz circundada por casinhas coloridas, vive a artesã Fatinha Bastos que, caminhando no mesmo sentido, se aperfeiçoou na lida de tirar arte das palhas.

Ali, arte, dom e inspiração se somam nas criações da “maga das palhas”, e o resultado se nos apresenta para encher de brilho olhos, alma e coração. Fatinha tem mansidão de mar em seus olhos azuis, correnteza de rio em seus longos cabelos e a força da mulher cerratense em defesa de suas ideias, de sua família, de seu povo.

Fatinha Bastos é anfitriã-mor de sua comunidade. Sua arte, como bênção de todos os santos, vem espontaneamente. Nada de esmerados e complexos projetos e desenhos ou infundáveis cálculos em seu ateliê. Para ela, o processo criativo ocorre de forma instantânea, mágica, lúdica e natural (sobrenatural?).

Nascida e criada em Olhos d’Água, recebeu seu talento manual de seus antepassados. Vinda de uma família in-

teira de artesãos, tomou gosto pelo ofício ainda na infância. O dom do artesanato, herdou de sua avó, Maria das Dores Pereira Dutra, e de sua mãe, Ana Pereira Dutra, que eram tecelãs do Distrito de Olhos d’Água, município de Alexânia, a 116 km de Goiânia, capital do estado de Goiás.

Desde criança esteve envolvida com todo tipo de arte manual. Começando pelo amarrado da palha na pamonha, que devia se parecer com uma boneca de cintura finíssima. Era a intimidada com a palha brotando de suas mãos.

Fatinha aprendeu a fazer esculturas de imagens sacras, bonecos, porta-guardanapos, mandalas, bailarinas, flores, palhaços. Seu manancial de arte traz o sacro e remonta à sua ascendência religiosa e à criação familiar. Oratórios, Santos, missas e religiosidade sempre ocuparam destaque na vida da menina que virou famosa artesã goiana.

E onde ela põe a mão tudo se transforma. Faz compostas de tomate seco temperados no capricho, acode o guisado, arruma os óculos no nariz, passa um olhar de cumplicidade para o com-

panheiro, o também artesão em tecelagem, José Roberto Rocha Bastos, o Beto. Dá uma ordem de leve ao filho e escudeiro, preocupa-se com a filha e neto, e ainda acha tempo pra ver se seu protegido, o Celino, está com todos seus quereres em dia.

Celino é herança de família e xodó da casa e da artesã. Um homem que beira os 80 anos, classificado na medicina e na educação atual como um ser com deficiência, haja vista que é anão e tem imensa dificuldade em pronunciar sons e palavras, mas que compreende perfeitamente o mundo



PERFIL

que o cerca. Celino, por si, é figura única: sujeito taciturno, ensimesmado e, às vezes, afofado e rebelde nos afazeres cotidianos mais simples.

Por vezes, apresenta-se hermético catando as pequenas pedrinhas no feijão. Por outras, enfrenta a morte dos seus entes mais queridos com tremendas gargalhadas que ecoam em todos os cantos da casa, demonstrando assim, ser o que melhor compreende o processo da transmutação e o desprendimento terreno. Fala chinês, às vezes japonês e, por insights de alguns à sua volta, diz-se que fala castelhano. Compreende tudo o que vê, escuta ou imagina e reproduz sua leitura em forma de arremedos e expressões simbólicas. Este é Celino, idoso pelo destino, mas com alma de menino. O protegido.

Fatinha, como é conhecida, produz sua própria matéria prima. As palhas de que precisa vem do milho e da banana que planta em sua propriedade. Exigente em sua arte e por não se contentar com a matéria-prima do mercado virou agricultora. A artesã dedicou estudo ao manejo das palhas e fibras e desenvolveu sua própria técnica para extrair várias tonalidades e texturas exatas

na medida em que pede sua inspiração.

Mulher sábia, íntima das sabedorias populares, escolhe a lua certa para colher o milho e as plantas do Cerrado. Sua arte traz, também, profundo respeito com a manutenção e preservação do meio ambiente. Utiliza-se de outros materiais como o cedrinho, a folha da magnólia, a douradinha, a bucha, o ingá e vários tipos de folhagens, entre outros.

É a própria Fatinha que nos alerta: “O Cerrado é o meu grande professor. Ele ensina a gente a trabalhar. Se a gente souber respeitá-lo, ele nos dá de tudo. Às vezes, saio em busca de material e volto com ideias para uma nova peça ou o aperfeiçoamento de algo que já estamos produzindo”. Tem por hábito, pelo menos uma vez por semana, sair pelo campo em busca de fibras, fios, capim, cipós, cabaças e mais inspiração.

Com dedicação e talento, Fatinha conseguiu obter sementes variadas de milho e assim, palhas com outras cores naturais. A artesã se espelha na natureza e no seu imaginário para reproduzir a perfeição nos movimentos das vestes dos santos, no bater asas da fogo-apagou, na paciência estampada do sorriso

de seu São Francisco, na placidez do presépio à espera do Salvador, na leveza do bailar de suas bailarinas... Cada detalhe é elemento importante na composição da peça.

Ao longo dos anos, Fatinha Bastos vem se aperfeiçoando, participa de feiras e exposições pelo Brasil inteiro, onde seus santos, anjos, guirlandas, fadas e outros mimos são, de imediato, sucesso garantido. O nome de Fatinha Bastos eleva Goiás como celeiro de artesanato inédito de primeiríssima qualidade.

Mulher dinâmica, esteve à frente da Secretaria de Cultura da Cidade de Alexânia, ganhou três vezes o Prêmio Top 100 de Artesanato, concedido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e já participou do programa Mais Você (TV Globo), de Ana Maria Braga. De seu ateliê Fatinha Fibras e Fios, na Praça da Matriz de Olhos D’Água, a artesã Maria de Fátima Dutra Bastos cria seres, santos, mitos e, dali, vai povoando e embelezando outras terras e outros mundos.



**Iêda Vilas-Boas**  
Escritora



## Atividades no Espaço Educador Chico Mendes vão além de ações pontuais de sustentabilidade

Imagine um amplo espaço destinado a várias atividades socioambientais. Este local existe e recebeu o nome de Espaço Educador Chico Mendes, uma propriedade de 63 hectares mantida pelo Sinpro-DF há quase um ano.

De acordo com a diretora de Políticas Sociais do Sinpro-DF, Iolanda Rodrigues Rocha, o objetivo do projeto é proporcionar atividades pedagógicas para educação socioambiental a professores(as) e estudantes da rede pública de ensino. "Uma vitrine de tecnologias ambientalmente corretas", disse.

O local possui sistemas agroflorestais, trilhas com identificação das espécies vegetais, sanitários compostáveis,

reservatórios para captação das águas de chuvas que, combinados com o suporte profissional necessário, oferecem múltiplas possibilidades para o desenvolvimento de atividades educativas.

Foi o que experimentaram cerca de 40 jovens estudantes, inclusive alguns especiais – com idades de 11 a 15 anos – do Centro de Ensino Fundamental 20 de Ceilândia (CEF 20). Acompanhados dos professores Josie Feitosa, Ernandes de Oliveira, Francisca Silva Brito e Odilene Ferreira, eles cuidaram, em dezembro passado, do plantio de 75 mudas de plantas nativas, como Ipê, Jacarandá e Cedro – doadas pela Novacap e pela



Fotos: Deva Garcia



Secretaria de Meio Ambiente.

Segundo Josie, a proposta é que os estudantes tenham uma vivência, ou seja, "que o estudo que eles estão recebendo de uma forma cognitiva tenha uma utilidade prática, porque a infraestrutura da escola não permite isso; o nosso espaço é bem limitado".

Alda Ilza de Lima, consultora pedagógica do Espaço, explicou que primeiramente os(as) professores(as) sindicalizados vêm ao local e participam de uma oficina de sensibilização e, só após, estarão habilitados a trazer os estudantes para vivências próximas à natureza, assim que agendarem as visitas. "As oficinas são para que os(as) professores(as)

sindicalizados(as) possam se familiarizar com a proposta de educação para a sustentação da vida preconizada pelo Sindicato; conhecer o espaço (sua história, importância geográfica e potencialidades educativas), vivenciar atividades ao ar livre, conhecendo as normas de visitação do Espaço".

As atividades com os estudantes são realizadas às terças, quartas e quintas-feiras de 8h às 11h (matutino) e de 14h às 17h (vespertino).

O(a) professor(a) interessado pode se inscrever pessoalmente na Sede do Sindicato (no SIG) ou através dos telefones 3343-4240 ou 3343-4203 (horário comercial).

# RESISTÊNCIA FEMININA

## NAS TELAS DO CINEMA

Joseph S. Weiss

Recentemente, quatro bons filmes sobre mulheres foram exibidos nas salas de cinema brasileiras: Carol, Hannah Arendt, Flores Raras e As Sufragistas. Nos quatro, mulheres libertárias optaram por enfrentar sociedades conservadoras por um objetivo maior: a defesa de seus modos de pensar e de existir.

### CAROL

Exibido pela primeira vez no 68º Festival de Cannes, em maio de

2015, o filme, do diretor Todd Haynes, retrata o envolvimento homoafetivo de duas mulheres, Carol Aird (Cate Blanchett) e Therese Belivet (Rooney Mara), no início da década de 1950, época de acirrado preconceito contra a homossexualidade nos Estados Unidos.

Com uma filha pequena e vida familiar confortável e estável para os padrões da época, Carol se vê obrigada a camuflar seus sentimentos. O filme mostra um universo repleto de sutilezas, expressados em toques e olhares sem pressa nem extravagância que explodem em grandes momentos de ardente paixão depois de o caso vir à tona.

Desmorona-se o casamento burguês. Carol pede o divórcio. O marido recusa a separação e parte para a chantagem: ou ela volta ou perde a guarda da filha. O caso vai parar os tribunais.

Em um rompante durante a audiência, Carol decide sacrificar a guarda da filha pelo amor de sua companheira, que conheceu acidentalmente em uma loja de departamentos.

Com relação à guarda da filha, o filme

deixa subentendido que Carol conseguiu ficar com o direito a visitas supervisionadas. Já Therese, a balconista objeto de sua paixão, virou fotógrafa do New York Times.

### FLORES RARAS

Drama do brasileiro Bruno Barreto, Flores Raras retrata a história verdadeira de amor entre a forte e decidida arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares (Glória Pires) e a tímida e insegura poetisa americana Elizabeth Bishop (Miranda Otto), nos anos 1960. O filme rompe com um tabu no cinema brasileiro, ao colocar o relacionamento homoafetivo como tema central do roteiro.

Deixando de lado os tradicionais estereótipos, Flores Raras conta uma bela e dramática história de amor, durante um período importante de nossa história recente: o Golpe Militar de 1964 e suas implicações para o futuro da democracia e das liberdades no Brasil.

Decidida e controladora, Lota alia-se ao governador golpista Carlos Lacerda e investe seu tempo na construção do Parque do Flamengo, negligenciando o relacionamento com Bishop que, depois de uma internação psiquiátrica, opta por voltar aos Estados Unidos. De volta a casa, mesmo amando Lota, Bishop envolve-se em novo relacionamento.

O filme começa e termina com um triângulo amoroso homossexual, explorado apenas de forma subliminar. No início da relação com Bishop, Lota mantém no Rio de Janeiro outra relação afetiva de longa data. Depois da partida da amada, não conseguindo viver sem Bishop, Lota viaja

aos Estados Unidos em busca dela. Lá, encontra a companheira com nova união estável, o que a leva ao desespero e ao final dramático do filme.

### HANNAH ARENDT

Em Hannah Arendt, a diretora Margarethe von Trotta trata do julgamento, em 1961, de Adolf Eichmann, um dos nazistas que escaparam do Julgamento de Nuremberg vindo para a América Latina. Agentes israelenses o capturaram na Argentina e o levaram escondido para julgamento em Jerusalém.

Embora não fosse jornalista, Hannah Arendt, (Barbara Sukowa), judia alemã chegada aos Estados Unidos como refugiada, vinda de um campo de concentração nazista na França, viajou a Israel para fazer a cobertura do julgamento para a revista independente The New Yorker. O material da cobertura, organizado pela revista em 5 artigos, gerou enorme controvérsia.

Para Arendt, muitos dos que praticaram crimes de guerra eram simples burocratas e não monstros. Em seu entendimento, Eichmann era um mero burocrata, um João ninguém banalizando o ódio, e não o monstro criado pela mídia. Nos artigos, Arendt relata também sua inconveniente perspectiva de que alguns influentes judeus europeus, principalmente entre os rabinos, ante o Holocausto lavaram as mãos, ou mesmo ajudaram na matança de seus pares.

Em consequência, Hannah tornou-se persona não grata para grande parte da comunidade judaica de New York e passou a ser vista como uma inimiga do Estado de Israel. Mesmo com a sociedade americana contra ela

e contra a revista, Hannah Arendt resistiu a todo tipo imaginável de pressão e em nenhum momento recuou de suas posições.

### AS SUFRAGISTAS

O filme, conduzido pela diretora Sarah Gravon, é sobre a luta pelo direito ao voto das mulheres no início do século 20, na Inglaterra, um dos primeiros países do mundo onde as mulheres decidiram que tinham esse direito.

Desde o começo, o roteiro mostra homens bradando contra o voto feminino. Em resposta, a operária Maud Watts (Carey Mulligan) joga uma pedra contra uma vitrine, ao mesmo tempo em que grita por seus direitos.

Preso e torturado, Maud, uma lavadeira sem nenhuma formação política, acostumada à opressão masculina, desperta para a política. Daí pra frente, passa a lutar contra as opressoras regras sociais do início do século XX.

Por todo o filme, a luta pelo direito ao voto se mostra como uma luta contra a opressão; a ausência do direito ao sufrágio serve como pano de fundo para a denúncia da desigualdade entre os sexos, para a defesa das minorias e para a denúncia dos valores machistas, apontando o dedo para as tragédias sociais que ainda hoje persistem em várias partes do mundo.

Para as mulheres inglesas (apenas para mulheres proprietárias maiores de 30 anos), o direito ao voto foi conquistado no ano de 1918, fortalecendo a luta pelos direitos das mulheres em todo o mundo.



**Joseph S. Weiss**  
Engenheiro Agrônomo  
Ph.D. Diretor da  
Sociedade Brasileira de  
Economia Ecológica

## Problemas em aberto quanto à responsabilidade socioambiental

Leonardo Boff

Há analistas mundiais que se perguntam se o atual modo de produção, montado sobre uma superexploração dos bens e serviços naturais, mediante uma excessiva concorrência, e com a ausência completa de cooperação, acrescida pelo individualismo cultural e pela exaltação da propriedade privada, do consumismo e das privatizações, não tornará a humanidade autossuicida. Ela não estaria criando as condições de seu desaparecimento?

Os riscos apontados serão evitados somente se ocorrer uma Grande Transformação das Consciências e das práticas (...). Isso exige vontade política de todos os países do mundo e a colaboração sem exceção de toda rede de empresas transnacionais e nacionais de produção: pequenas, médias e grandes.

Se algumas empresas mundiais se negarem a agir nesta direção poderão anular os esforços de todas as demais. Por isso, a vontade política deve ser coletiva e impositiva, com prioridades bem definidas e com linhas gerais bem claras, assumidas por todos, pequenos e grandes. É uma política de salvação global.



**Leonardo Boff**  
Filósofo, Teólogo, Escritor  
leonardoboff.com  
Excerto do livro Saber Cuidar,  
18ª Edição, Editora Vozes, 2014



**Mais direitos.  
Mais participação.  
Mais poder.**

É assim que, nós mulheres, estamos construindo uma vida do jeito que a gente quer. Por isso, as políticas públicas são importantes para seguirmos conquistando ainda mais.

**Março. Mês da Mulher.**



[brasil.gov.br/mulheres](http://brasil.gov.br/mulheres)



Em debate na OAB Jovem, a presidenta do Sintego, Bia de Lima, explicou os prejuízos que as OSs causarão à educação

# O FUTURO DA EDUCAÇÃO EM GOIÁS

Desde muito que as garras da privatização rondam o setor público no Brasil: inicialmente foram privatizados os serviços de transporte, de energia, de telefonia. Agora, a privatização tem, em Goiás, como foco a educação. A proposta é clara: tirar a educação das mãos do Estado e entregá-la às duvidosas mãos das OSs.

Há algo de suspeito no ar. Como explicar a insistência em privatizar quando os melhores sistemas do mundo são públicos? Por que privatizar, se inúmeros exemplos do sucesso da educação em países como Finlândia, França e Alemanha demonstram excelentes resultados de um sistema educacional totalmente público, subsidiado

pelo Estado, radicalmente inclusivo, igualitário, com altos salários para professores e com escolas próximas de seus alunos?

Por que em Goiás o governo insiste num modelo importado dos EUA Unidos, se lá este modelo é desacreditado por órgãos como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) e o CREDO (Center for Research on Education Outcomes)?

Por que Goiás insiste nas chamadas Organizações Sociais, que já nascem desacreditadas na sua apresentação, conforme denúncia da revista Nova Escola, que mostrou que as empresas credenciadas não têm experiência, nem qualificação

necessárias, argumento reconhecido pela própria Secretaria de Educação (Seduc), que descredenciou a maioria delas?

## OAB-GO REJEITA AS OSs

A Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Goiás, aprovou na noite do dia 02/03, em sessão ordinária, uma nota técnica em que recomenda o Governo de Goiás a suspender a escolha das OSs para gerir 23 escolas da Regional Anápolis.

Em debate no dia 01/03, a CAJ (Conselho da Advocacia Jovem), em votação por 18 a 12, havia rejeitado as OSs, indicando este posicionamento para o Conselho da Ordem, que por maioria absoluta também rejeitou as OSs na Educação.

A Ordem recomenda ao Estado de Goiás ampliar a interlocução com os setores diretamente envolvidos, reabrir a discussão com os órgãos de representação dos professores, com os auxiliares da administração escolar, com as associações de pais e com outros atores do processo pedagógico.

O Governo insiste na tecla de que: "eleito, o governador pode tomar a decisão que quiser". A OAB sugere que ouvir aqueles que estão há anos trabalhando pela escola pública é no mínimo salutar.

Para a Ordem, faltaram também, ao chamamento público em questão, "informações imprescindíveis à concreta aferição da vantajosidade e economicidade do contrato".

## MP-GO E MP DE CONTAS ACIONAM JUSTIÇA PARA BARRAR AS OSs

Suspender o Edital de Chamamento das OSs que pretendem assumir 23 escolas da Regional de Anápolis e multa diária de R\$ 10 mil, em caso de descumprimento. Estes são os pedidos que o Ministério Público de Goiás e o Ministério Público de Contas, que atua junto ao Tribunal de Contas do Estado, fizeram à Justiça na ação civil pública protocolada no dia 01/03, com pedido de liminar. Em caso do descumprimento, a multa terá de ser paga pela secretária de Educação, Raquel Teixeira, e pelo procurador-geral do Estado, Alexandre Tocantins.

Na ação, os MPs informam que os órgãos receberam várias representações, inclusive do Sintego, e "estudos realizados sobre a nefasta implantação das Organizações Sociais - OSs da Educação que apontam tanto no Edital quanto na minuta do Contrato de Gestão omissões, contradições grosseiramente apostas e inconstitucionalidades".

Desde que o Governo de Goiás anunciou a pretensão de terceirizar a gestão escolar, o Sintego

acionou o Ministério Público de Goiás e o Tribunal de Contas do Estado contra o projeto de repassar recursos públicos para a iniciativa privada assumir uma responsabilidade que é do Estado e denunciou a falta de diálogo e transparência do Governo no andamento do processo.

Em 24/11/15, o Sintego ajuizou uma representação no MP, pedindo a intervenção do órgão para que os fundamentos, princípios e garantias constitucionais prevaleçam sobre a privatização, e assegurando o diálogo com a sociedade para discutir os rumos da educação em Goiás.

Ao contrário, as mudanças retrógradas são impostas, inventam-se diálogos que nunca ocorreram, joga-se gás lacrimogêneo contra estudantes, prende-se professores que protestam. É o desgoverno de um governo servindo-se da arbitrariedade pra livrar-se de suas obrigações de solidariedade social.

## "QUEM MANDA AQUI É 'NÓIS'!"

Estudantes e professores foram presos em Goiás por protestarem pela educação pública. Dentre eles 13 menores. No dia 15/02, a PM goiana entrou violentamente na Secretaria de Educação - que estava ocupada - e prendeu o grupo.

Antes disso, o governador Marconi Perillo (PSDB) já havia despejado os estudantes secundaristas de 28 escolas ocupadas em uma onda de protesto contra a privatização do ensino estadual.

A batalha se trava tendo por um lado estudantes e entidades que não aprovam ou aceitam o repasse 30% das escolas goianas para gestão das famigeradas Organizações Sociais (OS). A iniciativa prevê a terceirização de serviços escolares, a contratação privada (sem concurso) de até 70% dos professores e 100% dos funcionários, dentre outras medidas.

## MATÉRIA DA REVISTA NOVA ESCOLA DESMASCARA A FARSA DAS OSs

Um levantamento exclusivo da revista NOVA ESCOLA mostra que as 10 OSs que disputam o edital do governo são empresas com menos de um ano de vida, com escassa experiência em Educação e com equipes técnicas ainda não definidas.

O Ministério Público (GO) afirma "que 11 (onze) instituições estão qualificadas como organização social na área de educação em nosso Estado, mas não cumprem as exigências contidas no art. 2º II, "d", da Lei Estadual 15.503/2005 que, exige notória capacidade profissional e idoneidade moral dos dirigentes das organizações sociais".

Para os MPs, nenhuma dessas instituições têm, em seus quadros, dirigentes com notória capacidade profissional. Nas palavras do promotor Fernando Krebs: "Chegamos à conclusão que o projeto referencial é inconstitucional. Vai piorar a qualidade da educação. Vai promover a terceirização, a privatização às avessas da escola pública".

A escolha das empresas gestoras das OSs também foi tratada em escaninhos, distante dos olhos da sociedade, sob a égide do autoritarismo e pela falta de transparência. E enquanto Goiás brilhou na Sapucaí, gastando o dinheiro público que deveria ser investido na educação, inclusive, os "sonhos de um caipira" tornam-se delírios e tormento para a comunidade educacional de Goiás.



# AZIZ AB'SABER

## MASCATE DAS BOAS CAUSAS

Jaime Sautchuk

Seu pai era mascate libanês no interior de São Paulo, no início do século passado. Sua mãe era filha da roça na pequenina São Luis de Paraitinga, no vale do Paraíba do Sul, entre Taubaté e Ubatuba, no litoral norte paulista. Ali nasceu, em 24 de outubro de 1924, o brasileiríssimo Aziz Nacib Ab'Saber, um mascate de boas causas que partiu há quatro anos, nos deixando boa carga de saber, tudo fiado.

Aos 17 anos, ele ingressou na Universidade de São Paulo (USP), nos cursos de Geografia e História. Virou geógrafo, pra efeito de colocar uma profissão em documentos. Foi, porém, filósofo, historiador, ecólogo, arqueólogo, antropólogo, um monte de coisas, sempre com a marca de humanista, de ferrenho defensor de uma sociedade mais justa. Em seu livro "O Que é Ser Geógrafo",

por exemplo, ele ensina como é ser muito mais que geógrafo.

Além da ciência, ele abraçava as causas sociais, ambientais e políticas. Brigou com a ditadura militar e sempre esteve nos palcos e nas ruas em defesa da Anistia, das Diretas-já, mas não parou por aí. Foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da qual hoje é o presidente de honra.

Esteve lado a lado com Luiz Inácio Lula da Silva antes e depois deste virar presidente da República. Mas virou crítico de seus governos, por considerá-los muito frouxos nas questões ambientais. Até a semana antes de morrer, ainda repetia que as políticas oficiais no campo do meio ambiente, no Brasil, seguem o ditame da ganância dos poderosos, sem uma visão de futuro.

Nessa linha, sempre criticou o projeto de transposição do rio São Francisco e outras obras que, em sua visão, irão beneficiar grandes interesses, sem atender o sertanejo nordestino. Tampouco se cansou de apontar defeitos, que considerava graves, no Código Florestal aprovado pelo Congresso.

Ab'Saber apontava como exagerada e nociva a aceitação de propostas da bancada ruralista no Congresso em relação a esse tema. Mas sua crítica mais severa era em relação ao fato de que o novo Código ignora solenemente as características de dois dos biomas da flora brasileira: a Caatinga e o Cerrado.

Quanto ao Cerrado, ele era um dos cientistas brasileiros que comprovaram a presença desse bioma na

maior parte do território nacional, do Rio de Janeiro e São Paulo à Amazônia. E isso até bem pouco tempo.

Em São Paulo, por exemplo, onde esse bioma era chamado genericamente de "campos gerais", nasceram cidades com os nomes de São José dos Campos, Santo André dos Campos Belos, Campinas e por aí vai.

Na Amazônia, há perto de 60 milhões de anos, os rios da região corriam no sentido oeste, quando houve a separação dos continentes e a formação dos Andes. Tudo ali era Cerrado.

Só há 20 mil anos (ontem, portanto) é que houve um movimento na crosta da Terra que atingiu a foz do rio Amazonas, fazendo com que as águas de toda sua bacia fossem espraiadas, gerando uma vegetação mais densa, que é a floresta.

Na própria Amazônia brasileira, o Cerrado é presente ainda hoje nos estados do Amapá, Roraima, Rondônia e mesmo Amazonas e Acre, que Ab'Saber conhecia bem. Na fronteira Norte, transpondo o Sistema Parima de Serra, em Roraima, adentramos a chamada savana venezuelana, que nada mais é do que Cerrado, numa extensa área, até a foz do rio Orinoco.

Mas isso, na vasta obra de Ab'Saber, é quase um detalhe. Aos 87 anos, naquela quinta-feira de março de 2012, véspera de sua morte, ele foi pessoalmente à USP entregar suas obras completas gravadas em CDs. Praticamente tudo já foi publicado em duas dúzias de livros e milhares de artigos, coletâneas, depoimentos e por aí afora. Mas agora ficou tudo consolidado.

Nela, ele trata da ocupação do Brasil, do índio ao colonizador, até os nossos dias. E das questões climáticas, mesmo no plano global, prevendo efeitos de possíveis mudanças que venham a ocorrer ao redor do Planeta e até fora dele. Por isso, seu trabalho é reconhecido e premiado no mundo inteiro.

Como pessoa, entretanto, sempre foi um homem pé na terra, simples, muito sensível às questões do cotidiano, muito paciente com todos que o cercavam nos mais diversos ambientes em que vivia. Andar num carro de governador ou num velho e empoeirado jipão, pra ele, não fazia diferença alguma. Falar a um grupo de alunos no corredor da escola ou em um grande comício em praça pública também. Sempre com um humor fino, perspicaz.

Quando ingressou na universidade, virou jardineiro do campus para poder estudar. E, enquanto galgava as escalas mais altas na formação acadêmica, em meio a uma vastidão de estudos e pesquisas, encontrava tempo pra lecionar em escolas públicas do ensino fundamental.

Ele viveu repassando ideias e informações, sempre ansioso por aprender mais e mais, como costumava dizer. Era um baú de conhecimento. E assim tornou-se figura admirada e muito querida por todos que o conheciam. Como todo bom mascate.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# O ARREMESSO DA MENINA

Antenor Pinheiro



A cena ocorreu por volta do meio dia de uma terça-feira, quando transportava a filha menina de 11 anos de idade do colégio para casa. E eis que de repente, contrariando o alerta do pai para a hora do almoço, a menina tira de sua mochila o iogurte de baunilha, sorve-o protegida por sua alegria de criança e, ao fim do delicioso deguste, desce do vidro da janela do carro e...

Pronto! Arremessa a caixa sintética vazia no viário, assim automaticamente, já providenciando o rápido fechamento do vidro e o esfregar das mãozinhas como que satisfeita com o bem executado descarte.

Do retrovisor do meu carro, pude observar que o veículo à retaguarda promovera breve, brusco e, por estas razões, perigoso desvio de trajetória

para fugir daquele potinho melado saltitante no asfalto.

Para aplacar a doce vergonha, num reflexo fulminante, silencieiei-me rubro de pudor, ao mesmo tempo em que converti o veículo à direita na próxima rua de modo a completar o giro de quadra até o ponto em que repousara o vasilhame lambido. Voltei ao local, incontinente!

Discreto e sob o olhar in-

onde deveria ter sido destinado há poucos instantes dali.

Assustada com o inesperado gesto, a menina abaixou a cabecinha e pôs-se a chorar baixinho sussurrando o justo pedido de desculpas ao pai militante. O silêncio e a placidez facial executadas pelo pai atento, no entanto, foram a medida rigorosa que corrigiu o desvio comportamental, agora lembrado como exemplo pela menina hoje senhora.

É certo! O reportado gesto da menina estudante traz acumuladas tristezas para qualquer pai que eventualmente exerça o papel de motorista escolar e se sintá derrotado por tão indigno arremesso. Carência de cidadania, egoísmo, falta de decoro, ausência de bom senso, sei lá!

O certo é que ele terá testemunhado uma atitude que denota falta de educação geral, ambiental, familiar, escolar e também para o trânsito, sim, para o trânsito, abrangente fracasso social!

Como explicar o vergonhoso arremesso? Penso que as mazelas sociais encontram consenso em todos os campos. Elas interagem entre si, são articuladas umas às outras, creio.

Parece irreal ou exagerado imaginar que um potinho de iogurte atirado à via terrestre seja tão grave conduta, capaz mesmo de se transformar em obstáculo que justifique um grave acidente automobilístico, ou contribua para comprometer a drenagem de águas pluviais, que por sua vez pode culminar em outros acidentes automobilísticos.

Ou seja, mais que ato deseducado, o arremesso de um potinho de iogurte pode se transformar em ato letal. Assim sugere o próprio Código de Trânsito Brasileiro/CTB em seu artigo 26, inciso II, que diz:

“Os usuários das vias terrestres devem abster-se de obstruir o trânsito ou torná-lo perigoso, atirando, depositando ou abandonando na via objetos ou substâncias, ou nela criando qualquer outro obstáculo”. Daí a irregular conduta constar do mesmo CTB como infração média de trânsito em seu artigo 172.

Nesse contexto, o arremesso da menina pode ser entendido como ato pueril, produto de ingenuidade ou ignorância social mesmo, tão sentida na rotina das cidades. Permite recuperação no curto prazo se houver pais diligentes que socorram no plano imediato, mas pode traduzir perigo em tempo real capaz de justificar tragédias e tormentos.

É comum se deparar com tais arremessos em vias públicas, inclusive em rodovias. São motoristas e passageiros de carros, caminhões, ônibus, motocicletas e até pedestres os praticantes dessas condutas, levados que são pelo sentimento de que o espaço público a ninguém pertence.

É o valor do convívio coletivo diário corrompido pela plena ausência de bom senso. Deformidade que encontra terreno fértil nas cidades sujas infestadas de mosquitos letais e lixos não coletados e tratados com eficiência – tudo articulado.

É a falta de uma pátria educadora verdadeira que permita construir consciências de meninas e meninos para que não arremessem potinhos de iogurte nas vias das cidades do mundo, e assim não entristecer seus pais militantes.



**Antenor Pinheiro**  
Jornalista, membro da Comissão Executiva da Associação Nacional de Transportes Públicos / ANTP Regional Centro-Oeste

MARÇO

# MÊS DA MULHER

*Um dos principais pontos de luta no 8 de março, Dia Internacional da Mulher, e durante todo o mês, é a manutenção da democracia no Brasil, elemento agregador de importantes conquistas do universo feminino*

**Mulher:** direitos, igualdade, participação e poder. A lista de requisitos pode ser bem maior, mas com esses básicos fundamentos, busca-se que ela alcance uma vida digna conforme o seu papel em sociedade. Neste Mês da Mulher de 2016, é importante que se fortaleçam os laços de poder e a luta por igualdade na política, equidade em questões de gênero, de remuneração, e da busca de uma melhor qualidade de vida para as gerações presentes e futuras.

“Seja em casa ou nas ruas, nós mulheres devemos exercer nosso protagonismo e lutar pelo que desejamos. Acima de tudo, para estarmos inseridas em uma sociedade democrática. Neste feminino mês de março, temos motivos de sobra para reivindicar a garantia e avanços nos direitos conquistados nos últimos anos. E, também, para sensibilizar a sociedade pelo fim da violência e pela democracia no Brasil”, afirma Fabiana Matheus, diretora da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa (Fenae).

**No mês da Mulher, a entidade alinha-se aos preceitos defendidos pela CUT:**

- Defesa radical da Democracia
- Contra a reforma da Previdência
- A favor da legalização e da descriminalização do aborto
- Ratificação das Convenções 189 e 156
- Fim da violência contra mulher nos locais de trabalho
- Luta por uma educação igualitária, inclusiva e não discriminatória
- Por desenvolvimento sustentável que tenha como centro a vida humana

Para Anabele Silva, também da Diretoria da Fenae, o simbolismo expresso no Dia Internacional da Mulher, e em todas as celebrações do mês de março, as homenagens são importantes para fortalecer a luta das mulheres. “Que essa busca por direitos seja contínua no sentido da igualdade de oportunidade para nós mulheres. Lembramos que as conquistas já foram muitas, mas é preciso ainda muito a se enfrentar para que a mulher seja respeitada em sua integralidade”, afirma.

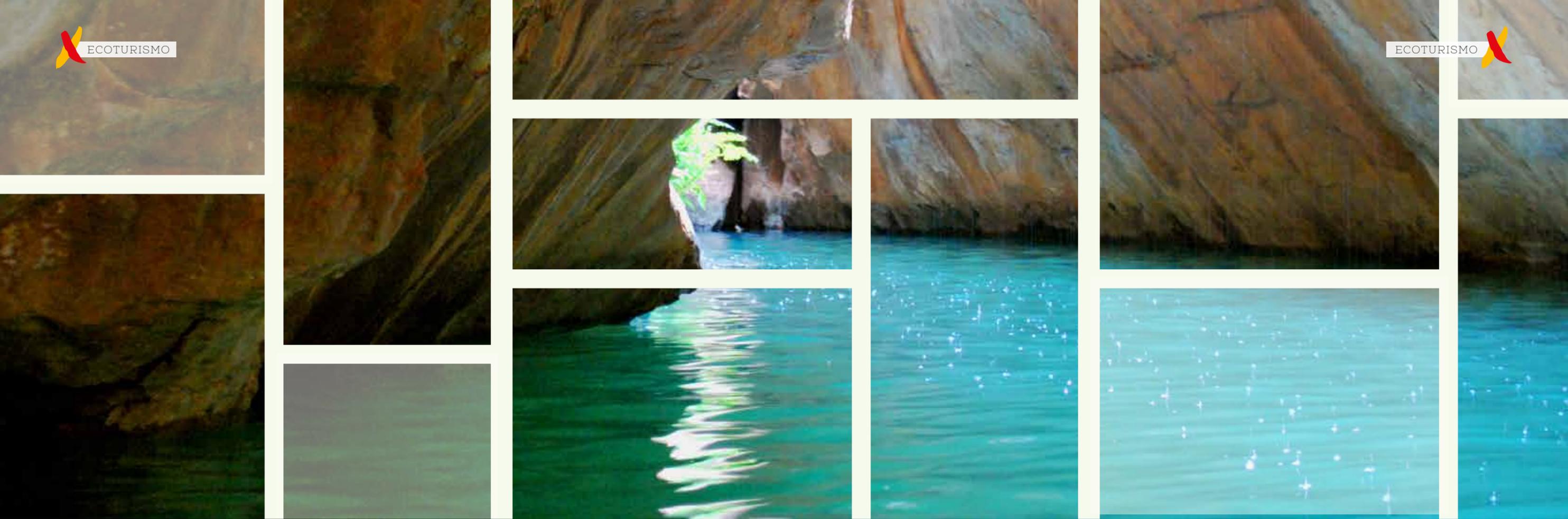
Embora o momento seja de reivindicações para o alcance de direitos, março é, também, um bom tempo de lembrar conquistas históricas do Movimento Feminino, como a que veio há um ano: em 7 de março de 2015, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei 13.104, conhecida como Lei do Feminicídio. Com a mudança, a prática passou a ser considerada homicídio qualificado, entrando para o rol dos crimes hediondos.

**MULHERES,  
NÃO PAREM NUNCA  
DE LUTAR!  
SÓ ASSIM SERÁ POSSÍVEL  
EVITAR RETROCESSOS  
COM SUA CONSEQUENTE  
PERDA DE DIREITOS!**



**FENAE**

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES  
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



# CÂNION DO XINGÓ

## MARAVILHA NO RIO SÃO FRANCISCO

Perto não é. De qualquer ponto do Brasil, até mesmo de Aracaju, a capital do estado de Sergipe, o Cânion do Xingó, no Rio São Francisco, fica um pouco longe (210 km), mas é demais de lindo!

Para se chegar até Canindé de São Francisco, pequena cidade de cerca de 20 mil habitantes no coração do sertão sergipano, é preciso sair de Aracaju e cruzar a terra seca da Caatinga por um pouco mais de três horas. Depois, é pelo menos mais uma hora de viagem em um catamarã pelas águas do Rio São Francisco.

Originalmente, o grande Lago do Xingó não foi obra da própria natureza. O cânion (desfiladeiro) sempre exis-

tiu. Ele vai da Cachoeira de Paulo Afonso até onde agora está a barragem de Xingó. Já o lago maior que formou em seu interior nasceu em 1994, quando as águas do Velho Chico foram represadas durante a construção da usina hidrelétrica do Xingó.

Formou-se ali, entre as fendas do Paraíso do Talhado onde, segundo descrições de um viajante holandês que passou por lá em 1615, havia um grande túnel, um imenso buraco com um teto frágil.

Existem registros de que em 1620 houve uma enchente muito grande e que o teto pode ter desabado naquele ano, o que facilitou a formação dessa maravilha de lago de águas verdes e cristalinas,

hoje destino imperdível para amantes do ecoturismo.

Antes da barragem, o desfiladeiro era percorrido pelo grupo de Lampião, que se abrigou por muito tempo no sopé da Cachoeira, onde o visionário Delmiro Gouveia implantou sua usina pioneira. Delmiro, aliás, como se sabe, protegia Lampião e sua turma. E sua fábrica era ali ao lado, na cidade que hoje se chama Delmiro Gouveia.

O Cânion do Xingó, o 5º maior cânion navegável do mundo, localizado na divisa dos estados de Alagoas e Sergipe, tem mais de 60 km de extensão, e suas águas chegam a 190 metros de profundidade. Mas existem alguns pontos mais rasos,

como no porto de Brogodó.

O ideal é chegar no dia anterior, dormir em Canindé, onde há pousadas bem perto do rio, ou em Piranhas, e no dia seguinte alugar um barco e sair navegando pelo Rio São Francisco, com tempo para banhos e para passear pelas fendas dos cânions que existem ao longo do caminho, como a Pedra do Gavião, o Morro dos Macacos e a Pedra do Japonês.

Mas também é possível fazer passeios coletivos, em catamarãs bem equipados, com banheiro e lanchonete, que saem do porto pela manhã e retornam em cerca de três horas. Depois, voltar para um belo almoço sertanejo em Canindé, às margens do Rio São Francisco.

Na mesma região, outro passeio fascinante é explorar a Rota do Cangaço, mas esse é assunto para outra Xapuri!

## COMO CHEGAR

Desde Aracaju (210 km), pegue a BR-101 sentido Maceió, em direção ao município de Areia Branca (BR-235), e siga para Itabaiana (passa por fora da cidade). Entre em Ribeirópolis e, em seguida, siga pela rodovia estadual SE-106, passe pelos municípios de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Glória (cidadezinha com mais estrutura, restaurantes, lanchonetes, lojinhas, posto de gasolina). Continuando pela rodovia SE-206, passe por Poço Redondo e, em seguida, você chega a Canindé. Pode-se também ir de ônibus, com várias saídas diárias a partir da rodoviária de Aracaju, ou em excursões. Uma vez em Canindé, os arranjos locais são fáceis para se chegar ao espetacular Cânion do Xingó. Boa aventura, bom proveito!



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

SOMOS TIME, SOMOS POVO,  
PRONTOS PRA VENCER.

PREPARADOS PARA FAZER ACONTECER.

Incentivar o esporte brasileiro é acreditar em um país capaz de superar seus desafios. O esforço de um atleta é motivo de orgulho e nos inspira a fazer sempre mais e melhor. Juntos somos mais fortes. **Somos anfitriões.**

PRATIQUE O ESPÍRITO OLÍMPICO.

[brasil2016.gov.br](http://brasil2016.gov.br)

**#SOMOSTODOSBRASIL**

**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL



Pague em dia seu  
**IPTU2016**  
e aproveite os descontos

**50%**

Até 11 / 04 / 2016

**30%**

Até 09 / 05 / 2016

**20%**

Até 10 / 06 / 2016

Imprima seu carnê no site [valparaisodegoias.go.gov.br](http://valparaisodegoias.go.gov.br)

Valparaíso de Goiás foi apontado pelo Ranking Nacional de Transparência do Ministério Público Federal como o município mais transparente do entorno de Brasília e o quinto do estado de Goiás.

Acompanhe a nossa prestação de contas no Portal da Transparência.